

P Ô S T E R

Edição 1290-A | DEZEMBRO 2005



R\$ 2,99

PLACAR

- as fichas dos jogadores
- os destaques da campanha
- os detalhes da grande final

SÃO PAULO



ROGÉRIO CENI

Melhor do jogo, melhor do campeonato, talvez o melhor da história. Quem mais merecia levantar a taça?



TRICAMPEÃO
MUNDIAL 92/93/05

O MUNDO É TRICOLOR



Mineiro nem acredita: ele, um especialista em desarmes, comemorando o gol do título

O São Paulo já conhecia este filme. Como em 1992/93, pegou um clube gringo cheio de banca, favorito para o planeta. No lugar de Barcelona e Milan, o invicto Liverpool. O resultado foi o de sempre. Tricampeão com gol de Mineiro e show de Rogério

Nos mais dourados sonhos tricolores, o gol do título mundial só poderia vir dos pés iluminados de Amoroso. Nasceria de um cruzamento de Cichinho, de uma enfiada de Júnior, ou que sabe de um passe açucarado de Danilo. O artilheiro recebendo de um dos melhores assistentes do time, nada mais natural do que isso. Só que o futebol prega peças, subverte lógicas. O gol que quebrou as pernas do Liverpool, o gol que derrubou a invencibilidade de 11 jogos sem ser vazado, não aconteceu assim. Bola na intermediária no pé de Aloísio Chulapa, o centroavante toscão contratado do Atlético-PR só para botar a bola para dentro. Pois Aloísio domina, levanta a cabeça, enquadra o corpo para fazer a jogada óbvia: lançar em diagonal para Amoroso, que aparecia feito um foguete. Não, Aloísio fez diferente. De três dedos, com a categoria dos grandes mestres, o lançamento saiu para Mineiro, perfeito, sem peso. E Mineiro, o volante que só faz gol em videogame, recebeu a bola, esperou o ótimo Reina escolher o canto e marcou. Um gol inacreditável, que abriu o caminho para uma conquista que parecia complicada demais.

O Liverpool chegou a final como favorito, não apenas nas casas de apostas londrinas que pagavam o dobro para a "zebra" São Paulo. Em grande fase, o Liverpool mostrava muita variação de jogo no Campeonato Inglês, se classificou na primeira fase da Liga dos Campeões na frente do poderosíssimo Chelsea. Em contrapartida, um São Paulo sem ritmo, bem diferente daquele campeão da Libertadores no meio do ano.

Por tudo isso, era preciso sonhar. Só que nem tudo foi tão inesperado na manhã do título. Se o gol de Mineiro, com o lançamento do artilheiro Aloísio, foi uma surpresa, o título também é resultado de uma obviedade. Rogério Ceni jogou demais. No primeiro tempo, salvou uma cabeçada do espanhol Luis Garcia. No segundo, buscou no ângulo uma bola cobrada por de Gerrard. Em um jogo que o Liverpool goleou nos escanteios (14 x 0), Ceni foi o dono da grande área. Pegou o possível e o impossível, liderou a

equipe quando o desespero pareceu tomar conta na pressão inglesa do segundo tempo. Ceni, que vinha salvando o time mais pelos seus gols, agora foi fundamental apenas na função primordial de todo goleiro. Evitou os gols em um jogo de detalhes, de marcação cerrada. Nem sempre essas premiações de melhor jogador do campeonato são justas. Em 2005 foi. Rogério Ceni ganhou a Bola de Ouro e ainda levou de quebra a chave gigante do Toyota como o melhor da final. Justo demais, até porque ele era o único tricampeão do grupo (em 1992/93 ele era banco).

Rogério Ceni teve boa companhia. A final do Mundial não foi de Amoroso, mas de Lugano, Edcarlos, Fabão. Sabe o que é tomar pressão 90 minutos e não levar gol? Foi o que aconteceu com o São Paulo e aí a responsabilidade é dos zagueiros. Claro que Josué foi um leão e roubou as bolas que precisavam ser roubadas. Danilo prendeu a bola, seguiu um resultado que era favorável, Júnior conseguiu ser lateral e ala ao mesmo tempo. Cichinho não fez dos maiores jogos de sua vida, mas pelo menos mordeu.

O São Paulo, em si, também não realizou partida memorável do ponto de vista técnico. E daí? Quanto vale um título mundial? O São Paulo já conhecia essa história duas vezes e quebrou uma pequena maldição. Ao vencer o Liverpool, o tricolor interrompeu a série de fracassos dos clubes brasileiros em finais contra rivais europeus. Após os dois primeiros títulos do São Paulo, o futebol brasileiro chegou a quatro finais do Mundial Interclubes na década de 90. Em 1995, após empate por 0 x 0, o Grêmio perdeu para o Ajax (Holanda) por 4 x 3 nos pênaltis. Dois anos depois, o Cruzeiro perdeu na decisão para o Borussia Dortmund (Alemanha) por 2 x 0. O país voltou a falhar na final do Mundial em 1998, quando o Vasco foi derrotado pelo Real Madrid (Espanha) por 2 x 1. Em 1999, foi a vez do Palmeiras ser batido pelo Manchester (Inglaterra) por 1 x 0.

O último a triunfar no Japão foi justamente o São Paulo, que ganhou do Milan por 3 x 2 na final de 1993. Um ano antes, o time paulista havia alcançado o primeiro título, 2 x 1 no Barcelona. E para completar, o time do Morumbi

se igualou a Boca Juniors, Milan, Nacional, Peñarol e Real Madrid, os clubes recordistas de títulos mundiais, todos com três conquistas.

Nunca um time brasileiro se preparou tanto para um jogo; ou melhor: dois jogos. O São Paulo se esqueceu do mundo por dois meses para pensar exclusivamente no Mundial. Descansou jogadores (deu até férias para alguns), largou o Brasileiro, disseçou o Liverpool, chegou com antecedência ao Japão, treinou no avião, se desdobrou para contratar um reforço (o atacante Aloísio)...

Tudo isso para descobrir, do outro lado do mundo, que não estava bem preparado. O descanso aos jogadores fez com que o time perdesse o ritmo (e isso ficou claro até nos treinamentos...). O principal jogador da equipe, o atacante Amoroso, desembarcou em Tóquio insatisfeito com a indefinição sobre a sua permanência no clube e com um pré-contrato assinado com uma equipe japonesa. Os jogadores não se entendiam sobre a premiação; brigaram com a imprensa, fizeram greve de silêncio... A estréia desastrosa, contra o Al-Ittihad, quando o time penou para fazer 3 x 2, expôs todo esse quadro.

Foi nesse quadro caótico, que o Tricolor entrou em campo em Yokohama para decidir um título contra um time que estava invicto há um tempo, com 11 partidas seguidas sem levar um golzinho sequer. Até por isso, o título merece uma comemoração especial. O impossível virou possível graças ao gol marcado por Mineiro, o rei dos desarmes, pelas defesas inesquecíveis de Rogério Ceni, pela raça de quem soube segurar a vantagem. E assim acabou 2005 o ano mais tricolor da história: Paulista, Libertadores e Mundial, faltou lugar para tanta taça.

>> JOGO DO TÍTULO

18/2 E. INTERNACIONAL (YOKOHAMA-JAP)

SÃO PAULO 1 X 0 LIVERPOOL

J: Benito Armando Archundia (MEX)

P: 66 821; G: Mineiro 26 do 1°

CA: Lugano e Rogério Ceni

SÃO PAULO: Rogério Ceni, Fabão,

Lugano e Edcarlos; Cichinho,

Mineiro, Josué, Danilo e Júnior;

Amoroso e Aloísio (Grafite 29/2).

L: Paulo Autuori

LIVERPOOL: Reina, Finnan,

Carragher, Hyypia, Warnock (Ritse

33/2); Sissoko (Sinama Pongolle

33/2), Gerrard, Xabi Alonso, Luis

Garcia; Kewell e Morientes (Crouch

39/2).

T: Rafa Benitez

O ELENCO



ROGÉRIO CENI GOLEIRO

ROGÉRIO CENI
1,88 m | 85 kg
22/1/73, Pato Branco (PR)

Goleiro-artilheiro era pouco para Rogério. É verdade que em 2005 ele fez mais gols do que nunca (foram mais de 20!), mas era preciso mais. Tornar-se o jogador que mais vestiu a camisa do São Paulo em todos os tempos, talvez? Não, mais do que isso. Era preciso conquistar títulos. E assim foi. Com a Libertadores e o Mundial, Rogério pagou a conta.



BOSCO GOLEIRO

JOÃO BOSCO DE FREITAS CARLOS
1,84 m | 80 kg
14/11/74, Escada (PE)

Reserva de Rogério Ceni não é propriamente uma posição confortável. Afinal, o titular não gosta de ficar de fora nem de jogo-treino... Pois Bosco veio do Fortaleza para ser a sombra de Ceni no Japão, após a tumultuada saída de Roger. Em 2006, o goleiro, que já foi convocado para a Seleção, espera poder mostrar um pouco de serviço...



FLÁVIO GOLEIRO

FLÁVIO ROBERTO KRETZER
1,96 m | 93 kg
10/2/79, Antônio Carlos (SC)

Deixar o Morumbi sem ter jogado uma partida oficial sequer? Flávio não queria ter essa marca no currículo. Talvez ele seja emprestado em 2006, mas pelo menos pode sentir o gostinho de vestir a camisa tricolor em alguns jogos no Brasileiro deste ano, quando Rogério Ceni não jogar. Flávio não comprometeu — e era isso que importava.



CICINHO LAT. DIREITO

CÍCERO JOÃO DE CEZARE
1,71 m | 68 kg
24/6/80, Pradópolis (SP)

Um aviãozinho pelo lado direito do campo. Cicinho fez de 2005 o seu ano. Ganhou títulos pelo São Paulo, a Bola de Prata de Placar como melhor lateral-direito do Brasileiro e, acima de tudo, conquistou seu espaço na Seleção num momento de definição do time para a Copa do Mundo. Hoje, é o reserva de Cafu. Mas pode até virar titular.



LUGANO ZAGUEIRO

DIEGO A. LUGANO MOREIRA
1,88 m | 88 kg
2/11/80, Canelones (Uruguai)

Depois de um ano brilhante (foi bicampeão da Bola de Prata), Diego Lugano chegou ferido ao Japão, após perder a chance de disputar uma Copa do Mundo com o seu Uruguai, eliminado pela Austrália. O Mundial Interclubes virou sua Copa particular. Se esforçou, correu, gritou, encarou os ingleses. E saiu de campo com a certeza da missão cumprida.



FABÃO ZAGUEIRO

JOSÉ FÁBIO ALVES AZEVEDO
1,87 m | 80 kg
15/6/76, Vera Cruz (BA)

Aos 29 anos, Fabão está no auge da forma. Um dos zagueiros mais rápidos do Brasil, é também bastante regular e confiável. Em 2006, o baiano foi atormentado por uma contusão no calcanhar, que o deixou de fora de várias partidas. Mas se recuperou das dores e voltou a ser no Mundial o grande zagueiro que arrasou na Libertadores.



EDCARLOS ZAGUEIRO

EDCARLOS CONCEIÇÃO SANTOS
1,82 m | 75 kg
10/5/85, Salvador (BA)

O mais jovem dos zagueiros tricolores, Edcarlos foi sempre destaque nas Seleções de base. Aos poucos, mostrou a Autuori que poderia ganhar a vaga de Alex quando o time jogasse no esquema 3-5-2. Beque técnico e veloz, na semifinal do Mundial de Clubes não foi bem — aliás, como todo o time — e quase fez um gol contra. Mas, no geral, mostrou que já atingiu a maturidade.



ALEX ZAGUEIRO

ALEX BRUNO COSTA FERNANDES
1,89 m | 79 kg
9/5/82, São Paulo (SP)

Ele veio como uma promessa do Santo André e demorou a cativar a torcida. Fez isso na fase final da Libertadores, quando foi um gigante nos jogos contra o River Plate. Mas caiu de produção na temporada, se contendeu e perdeu a posição, primeiro para Souza (na mudança de esquema) e depois para Edcarlos. Mas potencial, a torcida sabe que ele tem.



FLÁVIO ZAGUEIRO

FLÁVIO DONIZETE DA COSTA
1,83 m | 83 kg
16/1/84, Itapevica da Serra (SP)

Zagueiro de muita raça e técnica razoável, Flávio ganhou espaço quando Autuori começou a escalar os reservas no Brasileiro. No começo, foi mal. Chegou a ser expulso, com menos de 1 minuto, contra o Santos. Depois, se firmou e chegou a ameaçar a vaga de Alex nos 23 inscritos no Mundial. Viagrou por precaução ao Japão e, no fim, ganhou a vaga de Leandro Bomfim (machucado).



JUNIOR LAT. ESQUERDO

JENILSON ÂNGELO DE SOUZA
1,73 m | 65 kg
20/6/73, Sto. A. de Jesus (BA)

Leão se mandou, e Júnior encontrou a paz necessária para jogar seu futebol no São Paulo. Foi fundamental na conquista da Libertadores, atuando como armador de jogadas no esquema 3-5-2 de Autuori. Deu diversas assistências e chegou a ser cogitado novamente para a Seleção Brasileira, como reserva de Roberto Carlos. Ainda não perdeu as esperanças de ir a mais um Mundial.



F. SANTOS LAT. ESQUERDO

FÁBIO SANTOS ROMEU
1,76 m | 72 kg
16/9/85, São Paulo (SP)

Não teve, mais uma vez, um ano bom. Foi melhor na Seleção Sub-20 que no clube. Muitas vezes não ficou nem mesmo na reserva de Júnior, dando lugar ao improvisado Richarlyson. Ficou ameaçado de nem ir para o Japão, mas ganhou uma vaga no fim por sua experiência internacional, apesar da pouca idade. Pode ser negociado no ano que vem.



MINEIRO VOLANTE

CARLOS LUCIANO DA SILVA
1,68 m | 63 kg
2/8/75, Porto Alegre (RS)

É o motor do time. Com Leão, jogava menos que com Autuori. Ganhou mais liberdade depois da chegada do novo técnico. De fôlego incansável, marca o adversário no campo dele e até alguns gols andou fazendo. Mais uma vez (como aconteceu no São Caetano e na Ponte Preta), ganhou a Bola de Prata de Placar como um dos melhores volantes do Brasileiro.



JOSUÉ VOLANTE

JOSUÉ ANUNCIATO DE OLIVEIRA
1,69 m | 63 kg
19/7/79, Vitória de S. Antão (PE)

É o "irmão-gêmeo" de Mineiro. Mesmo altura, mesmo jeito de jogar, mesma vontade. O que um faz, o outro faz também. Os dois se entrosam perfeitamente e ditam o ritmo da equipe. No São Paulo, Josué começou também a fazer seus golzinhos. Faz parte da "legião goiana" do time, que também conta com Fabão, Danilo, Grafite e Aloísio (todos ex-atletas do Goiás).



RENAN VOLANTE

RENAN TEIXEIRA DA SILVA
1,81 m | 74 kg
29/3/85, Caietés (SP)

Perdeu espaço no time com as chegadas de Mineiro e Josué, mas não deixou de ser importante na temporada, sobretudo nos confrontos contra o Palmeiras, pela Libertadores. Guerreiro, exerce uma função tática importante: numa mesma partida, pode funcionar como terceiro zagueiro ou como volante, marcando a principal estrela da equipe adversária.



DENILSON VOLANTE

DENILSON PEREIRA NEVES
1,78 m | 71 kg
16/2/88, São Paulo (SP)

É considerado a maior promessa tricolor desde Kaká. Titular da Seleção Sub-17, chegou ao time principal sem ter passado pelos juniores. Hábil, tem passe preciso e, calmo, parece um veterano. Em 2006, pode virar titular, formando uma trinca com Mineiro e Josué. Antes, porém, deve operar o joelho. Ele joga com os ligamentos cruzados rompidos.



SOUZA MEIA

WILLIAM DE SOUZA SILVA
1,76 m | 77 kg
4/2/79, Macelão (AL)

A torcida não vai esquecer de Souza contra o River Plate, pelas semifinais da Libertadores. No jogo de ida das semifinais, no Morumbi, ele incendiou e transformou em vitória uma partida que caminhava para o empate. Se Autuori sempre sentiu uma "coceirinha" para mudar o esquema de três zagueiros, foi para tentar achar um lugar para Souza.



RICHARLYSON MEIA

RICHARLYSON B. FEUSIBINO
1,76 m | 73 kg
27/12/82, Natal (RN)

Sua contratação foi polêmica. Negociou com o Palmeiras de manhã, fechou com o São Paulo à tarde, sem ter se acertado com o Santo André, o clube de onde veio. Resultado: acabou impedido de jogar pela Justiça. Quando foi liberado, mostrou um pouco de sua versatilidade e disposição. Joga como lateral, volante, meia ou até atacante.



DANILO MEIA

DANILO GABRIEL DE ANDRADE
1,80 m | 76 kg
11/6/79, São Gotardo (MG)

Mais uma vez, mostrou que é um jogador para poucos e qualificados fãs. Discreto, mas muito técnico e dedicado, ele cumpre uma função importantíssima na marcação e armação pela esquerda. Se Júnior afunila, Danilo abre. E protege a bola como poucos. Danilo é um eficiente "gargom" para os atacantes tricolores, e também sabe marcar gols.



CHRISTIAN ATACANTE

CHRISTIAN CORRÊA DIONÍSIO
1,86 m | 83 kg
23/4/75, Porto Alegre (RS)

Com o aval do companheiro de ataque Amoroso, veio do Japão para substituir Luizão e ser a referência na área que o time precisava. Marcou diversos gols, mas não conseguiu empolgar a torcida em nenhum momento. Às vésperas da estreia do time no Mundial de Clubes, perdeu a posição para o recém-contratado Aloísio. Deve sair na próxima temporada.



AMOROSO ATACANTE

MÁRCIO AMOROSO D. SANTOS
1,80 m | 69 kg
5/7/74, Brasília (DF)

Amoroso viu seu nome virar adjetivo para os são-paulinos na fase final da Libertadores. No Japão, quase estragaram esse mel, culpa de cartolas, dele próprio e de seu procurador, que tornou públicas divergências e picuinhas sobre sua permanência para 2006. Mas Amoroso deu o máximo nos dois jogos. Marcou gols, foi decisivo. Foi genial.



ALOÍSIOS ATACANTE

ALOÍSIOS JOSÉ DA SILVA
1,87 m | 87 kg
27/1/75, Atalaia (AL)

Aloísio havia incomodado a torcida tricolor na final da Libertadores, só que do lado do Atlético-PR. Passou um tempo e ele desembarcou no Morumbi. Chegou machucado, mas se recuperou e virou titular. Estreou no Mundial exibindo vontade, técnica e muita movimentação. Na decisão, foi ainda melhor. Anos depois do inesquecível Serginho, os tricolores têm seu novo Chulapa.



GRAFITE ATACANTE

EDINALDO BATISTA LIBANIO
1,89 m | 79 kg
2/4/79, Jundiá (SP)

Ele ganhou o amor dos tricolores na marra e virou bandeira contra o racismo na Libertadores. Mas machucou o joelho e ficou de fora de boa parte do segundo semestre. Quando todos esperavam Grafite só para 2006, ele surgiu treinando e com disposição para convencer Autuori a levá-lo ao Japão. Jogou alguns minutos e virou talismã do título mundial.



THIAGO ATACANTE

THIAGO RIBEIRO CARDOSO
1,82 m | 75 kg
24/2/86, Ponte Gestal (SP)

Os mais empolgados o chamam de "o novo Kaká". Menos, menos. Mas com seu futebol de arrancadas e gols bonitos, Thiago chega muitas vezes a lembrar mesmo o craque do Milan. Teve alguns belos lampejos durante o Campeonato Brasileiro e promete bastante para o ano que vem. É uma das grandes apostas da nova geração do clube.

A SEMIFINAL



14/12 NACIONAL (TÓQUIO-JAP)

SÃO PAULO 3 X 2 AL ITTIHAD
J: Alain Sars (FRA); P: 31 510
G: Amoroso 16 e Noor 32 do 1º; Amoroso 12, Rogério Ceni (p) 12 e Al Montashari 23 do 2º; CA: Danilo, Amoroso, Lugano, Mineiro, Al Dosari, Al Harbi
SÃO PAULO: Rogério Ceni, Fabão, Lugano e Edcarlos; Cicinho, Mineiro, Josué, Danilo e Júnior; Amoroso e Aloísio (Grafite). T: Paulo Autuori
AL ITTIHAD: Zaid, Al Dosari (Al Harbi), Tukar, Al Montashari e Falatah; Khariri, Abushgeer, Noor, Sowed (Haidar) e Tcheco; Kallon. T: Angel Iordanescu



TÉCNICO PAULO AUTUORI

O tranqüilo Paulo Autuori venceu a Libertadores com o Cruzeiro, em 1997, mas deixou o comando antes da disputa do Mundial Interclubes. E seguiu seu caminho. Andou pelo Peru e foi repatriado pelo São Paulo. Chegou como se não existisse a pressão de 12 anos de jejum de títulos importantes. Ganhou sua segunda Libertadores e, desta vez, ficou para conquistar também o Mundial.

EDITORA Abril
Fundador: VICTOR CIVITA (1907-1990)

Presidente e Editor: Roberto Civita
Vice-Presidente e Diretor Editorial: Thomaz Souto Corrêa
Presidente Executivo: Maurício Mauro
Diretor Secretário Editorial e de Relações Institucionais: Sídney Basile
Vice-Presidente Comercial: Deborah Wright
Diretora de Publicidade Corporativa: Thais Chede Soares B. Barreto

Diretor-Geral: Jairo Mendes Leal
Diretor Superintendente: Paulo Nogueira

PLACAR

Diretor de Redação: Sérgio Xavier Filho
Editor Especial: Arnaldo Ribeiro
Diretor de Arte: Rodrigo Maroja

Editores: Gian Oddi, Maurício Ribeiro de Barros
Coordenação: Silvana Ribeiro
Atendimento ao leitor: Virgílio Sousa
Colaboradores: Alexandre Bastagli (editor de fotografia), André Riank (reporter especial), Paulo Itacumburu e Jonas Oliveira (reporter), Rogério Andrade (editor de arte), Antônio Carlos Castro (designer), Fernando Pires (estagiário)

PLACAR edição 1290-A (ISSN 0104-1762), ano 35, dezembro de 2005, é uma publicação da Editora Abril S.A.
IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

FIPP ANER

Abril

Presidente e Editor: Roberto Civita
Gabinete da Presidência: José Augusto Pinto Moreira, Maurício Mauro, Thomaz Souto Corrêa
Presidente Executivo: Maurício Mauro
Vice-Presidentes: Cesar Montenegro, Deborah Wright, Emílio Carrazzi, Giacinto Civita, José Wilson Amami Pinheiro, Valter Paquinari
www.abril.com.br

São Paulo entra em campo para a semifinal: tensão no ar



ROGÉRIO CENI

RC, O EXTRATERRESTRE

Rogério Ceni é como um ET no futebol. Um jogador inteligente, articulado. Que não é arroz de festa nos programas de domingo. Que tem coragem de criticar a imprensa quando acha que ela faz futrica – tenha ele razão ou não. Que não precisa beijar o escudo para dizer que ama o São Paulo. Que é o maior artilheiro do clube na temporada e tornou-se o primeiro goleiro a marcar em Mundiais Interclubes. Tudo isso seria nada se ele também não pegasse tudo. Todos os tricolores merecem esse título. Rogério merece mais.



AMOROSO

O CRAQUE DO TRI

Amoroso viu seu nome virar adjetivo para os são-paulinos na fase final da Libertadores, quando chegou ao clube e estreou como se lá estivesse há anos. No Japão, quase estragaram esse mel, culpa de cartolas, dele próprio e de seu procurador, que tornaram públicas divergências e picuinhas sobre sua permanência para 2006. Mas Amoroso foi, acima de tudo, profissional. Viu que um título mundial era algo muito maior. Ele deu o máximo nos dois jogos. Marcou gols, foi decisivo. Foi genial.



ALOÍSI

OUTRO CHULAPA PARA ADORAR

Aloísio "Chulapa" havia incomodado a torcida tricolor duas vezes na final da Libertadores: ao marcar o gol do Atlético-PR no primeiro jogo e ao sofrer o pênalti que Fabrício desperdiçou na segunda partida. Passou um tempo e desembarcou no Morumbi. Chegou machucado, mas se recuperou e virou titular nos treinos. Estreou no Mundial surpreendendo a todos. Mostrou vontade, técnica e muita movimentação na semifinal. Na decisão, foi ainda melhor. Anos depois do inesquecível Serginho, os tricolores têm seu novo Chulapa.

SALVE O TRICOLOR PAULISTA.

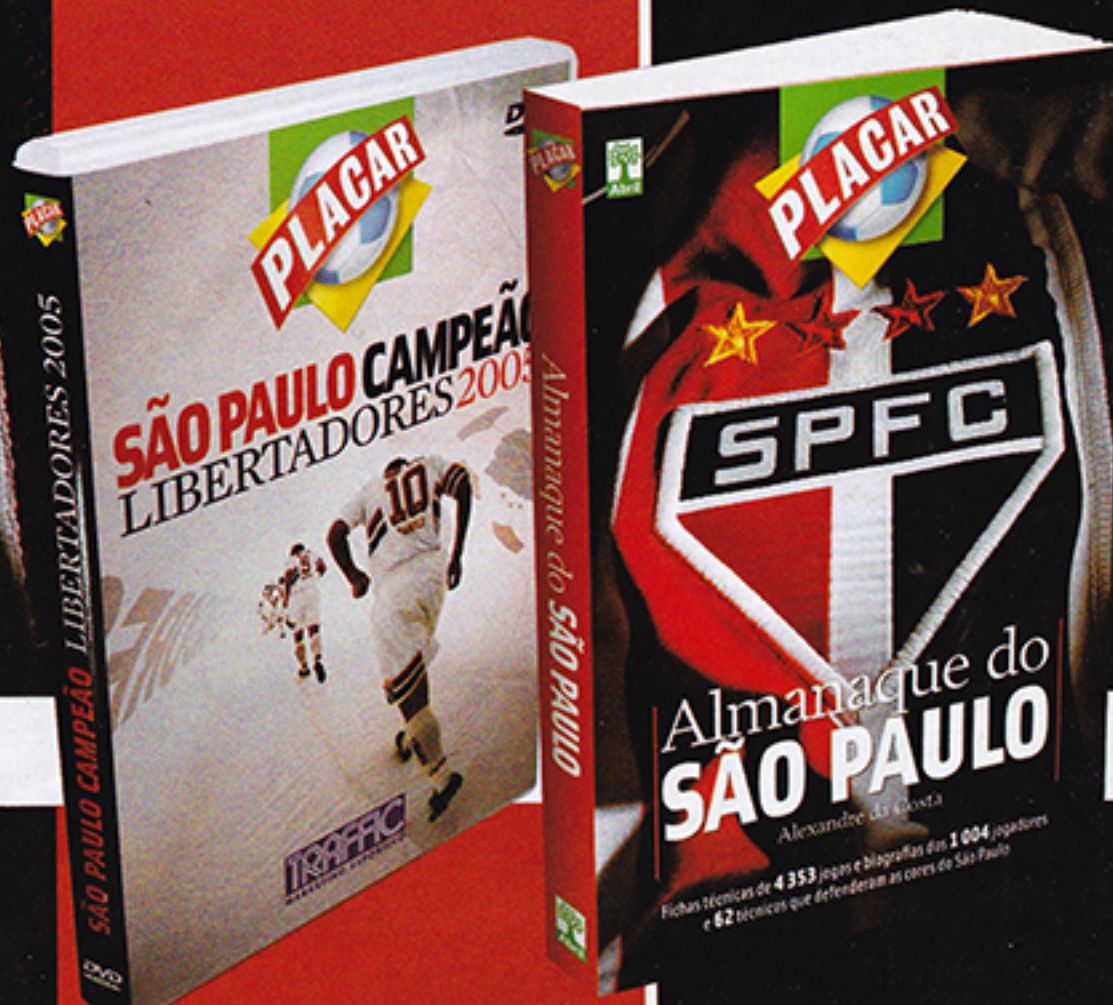


DVD

- São Paulo Campeão Libertadores 2005: reviva todas as emoções do campeonato em que cada partida foi uma batalha.

ALMANAQUE

- Almanaque do São Paulo: saiba tudo sobre o campeão mundial com uma publicação feita especialmente para os fanáticos.



Assim como o tricolor, a Placar também faz a alegria da torcida.

Nas bancas, revistarias e livrarias.
Ou receba em casa comprando pela internet: www.placar.com.br
Pelo telefone: (11) 2199 8881 Por email: produtos@abril.com.br



DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO
JOÃO FARAH
2024



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ